

# Os evangelhos perdidos



*Darrell L. Bock*

# Os evangelhos perdidos

A verdade por trás dos textos  
que não entraram na Bíblia



THOMAS NELSON BRASIL

---

RIO DE JANEIRO, 2007

Título original  
The missing gospels – unearthing the truth behind alternative christianities

Copyright © 2006 by Darrell L. Bock

Edição original por Thomas Nelson, Inc. Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © Thomas Nelson Brasil, 2007.

Supervisão editorial  
Nataníel dos Santos Gomes

Assistente editorial  
Clarisse de Athayde Costa Cintra

Tradução  
Emirson Justino

Capa  
Valter Bótosso Jr.

Copidesque  
Norma Cristina Guimarães Braga

Revisão  
Margarida Seltmann  
Magda de Oliveira Carlos

Projeto gráfico e diagramação  
Julio Fado

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

B648e

Hewitt, Hugh, 1956-  
Bock, Darrell L.

Os evangelhos perdidos: A verdade por trás dos textos que não entraram  
na Bíblia / Darrell Bock; tradução Emirson Justino.  
- Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

Tradução de: The missing Gospels: unearthing the truth behind  
alternative christianities

Apêndices  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-6030-307-6

1. Nag Hammadi codices - Teologia.
2. Gnosticismo - Relações - Cristianismo.
3. Cristianismo e outras religiões - Gnosticismo.
4. Teologia dogmática - História - Igreja primitiva, ca. 30-600.
5. Evangelhos apócrifos. I. Título.

07-0150.

CDD 273.1

CDU 273.1

---

Todos os direitos reservados à Thomas Nelson Brasil  
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso  
Rio de Janeiro – RJ – CEP 21402-325  
Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313  
[www.thomasnelson.com.br](http://www.thomasnelson.com.br)

## SUMÁRIO

<i>Prefácio</i> .....	7
<i>Agradecimentos</i> .....	9
APRESENTAÇÃO .....	11
INTRODUÇÃO: As novas descobertas indicam..... que o Cristianismo precisa de uma reforma?	13
CAPÍTULO 1 .....	21
Tomando nota: os períodos e os personagens do Cristianismo primitivo	
CAPÍTULO 2 .....	37
Discussão de uma importante visão alternativa: sobre o gnosticismo e sua definição	
CAPÍTULO 3 .....	45
Datando a origem do gnosticismo	
CAPÍTULO 4 .....	56
Diversidade e julgamentos históricos do Cristianismo primitivo	
CAPÍTULO 5 .....	69
As declarações de Walter Bauer e as raízes da nova escola	



## PREFÁCIO



Desejei, por mais de dez anos, escrever este livro para uma audiência popular. Quando me deparei pela primeira vez com a obra de Walter Bauer, a nova escola, e uma hoste de novos evangelhos, estava lecionando no curso de doutorado em Estudos do Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas. Considerei sua obra intrigante e provocativa. Conforme outras obras sobre os novos evangelhos continuavam a aparecer nas seções de Religião de grandes livrarias como Barnes and Noble e Borders, decidi que, em algum momento, abordaria essas questões levantadas pela recuperação de muitos novos evangelhos. E faria isso basicamente não em favor daqueles que estudam esse material por vocação, mas por aqueles que estão ouvindo falar deles.

Na última década, as idéias representadas nesses materiais recém-descobertos, muitos dos quais estão surgindo como “novos” evangelhos, têm aparecido em jornais, artigos de revistas e documentários de tv. Questionamentos aparentemente revolucionários sobre o Cristianismo têm sido levantados, voltados especialmente para os não especialistas. O que se deveria fazer com todos esses textos perdidos e recentemente descobertos, incluindo os evangelhos que possuem retratos tão diferentes de Jesus? Com que profundidade esses textos mudaram ou deveriam mudar nossa visão do Cristianismo? Eu queria escrever

uma obra que desse às pessoas uma impressão sólida desse material, não algo que simplesmente os abordasse por partes. Queria examinar todo o falatório sobre os mistérios que cercam os evangelhos perdidos. Também desejava considerar as declarações paralelas de que, naqueles primeiros dias da fé, tudo o que tínhamos era um caleidoscópio de cristianismos alternativos e que não havia essa coisa chamada ortodoxia.

Isso significava produzir um livro que caminhasse pelo mundo conceitual às vezes estranho dos dois primeiros séculos daquilo que tem sido chamado de era comum (EC), ou os primeiros duzentos anos de cristandade. Essa foi a época em que o Cristianismo foi fundado e quando cresceu de maneira explosiva por todo o mundo greco-romano, transformando este mundo e nossa história durante o processo. Meu objetivo é apresentar esse material sobre os novos evangelhos, juntamente com o debate em torno deles, e compará-lo ao material que há muito possuímos. Espero resolver o mistério desses evangelhos antes perdidos e agora recentemente descobertos. Também dou atenção às obras relacionadas daquele período. Espero mostrar e explicar seu relacionamento com o Cristianismo, assim como com as expressões alternativas dessa fé.

Nem sempre será fácil ler este livro. Essas obras tratam de tópicos como a criação, a existência de uma matriz de seres espirituais e o que faz com que a humanidade anseie por Deus e o busque em contrapartida a um estranho pano de fundo conceitual. Todavia, creio que ler esses novos materiais e entender o debate em torno desses textos vai valer o esforço e deixar você livre para fazer seus próprios julgamentos. Pelo menos esta é a minha esperança.

Darrell L. Bock  
Tübingen, Alemanha  
1.º de agosto de 2005

## AGRADECIMENTOS



Preciso agradecer a várias pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho. Primeiramente, agradeço a minha esposa, Sally, que me acompanhou com seu apoio maravilhoso enquanto eu lia obras como *Hipóstase dos Arcontes*, um dos meus títulos favoritos entre os livros antigos, sobre o qual você também vai ler aqui. Ela e sua irmã leram todo o manuscrito para garantir que a discussão era acessível. Também quero agradecer à administração e ao departamento de Novo Testamento do Seminário Teológico de Dallas pelo ano sabático de 2004/2005 que me concederam para que pudesse fazer a pesquisa final e escrever esta obra. Envio agradecimentos especiais a Brooke Meyer, meu assistente administrativo, e Brittany Burnette, minha assistente de pesquisa em Dallas. Minha filha, Elisa Laird, emprestou seu olhar editorial ao projeto quando ainda era um tosco manuscrito, assim como fizeram os colegas de ministério Carl Anderson e Keith Heilman. Agradeço de maneira especial a Ed Yamauchi por concordar em escrever a apresentação e a Brian Hampton e Paula Major, da Thomas Nelson, pelo excelente trabalho editorial.

Também demonstro minha apreciação ao governo alemão por conceder-me a bolsa de estudos Alexander von Humboldt Stiftung em apoio a minha pesquisa na Universidade de Tübingen, Alemanha. A estada ali permitiu-me verificar de

que maneira a academia européia lidava com as questões sobre as quais escrevi, algo que me esforcei a indicar tomando nota dos pontos-chave nas obras tanto em inglês quanto em alemão. Também quero agradecer à Universidade de Tübingen e ao professor doutor Herman Lichtenberger; à Sra. Lehmann e Sra. Schuh, que cuidaram dos afazeres de casa para nós dois, Sally e eu, fazendo com que nos sentíssemos muito bem-vindos. O seminário de pós-graduação na universidade, dirigido por Scott Caulley, permitiu-me testar algumas das minhas idéias numa revisão em parceria. John Marshall, em particular, tornou-se um fecundo parceiro de conversas sobre esse assunto, muito embora sua visão seja com freqüência bem diferente da minha.

Acima de tudo, expresso minha gratidão ao Prof. Dr. Martin Hengel e sua esposa, Sra. Hengel. Seu apoio por mais de três estadas sabáticas em Tübingen fez com que aquele lugar se tornasse nosso segundo lar. Seu profundo interesse por este projeto e sua exortação para perceber a importância do século II para a história do Cristianismo são presentes preciosos que ficarão com Sally e comigo para sempre. Este foi um *Zusammenarbeit* (trabalho conjunto) no melhor sentido da palavra. Dedico a eles esta obra, pois seu apoio representa aquilo que o espírito colegiado do Prêmio Humboldt pretende fomentar: engajamento mútuo e comunicação transcultural sobre tópicos importantes de pesquisa na ciência e na área de humanidades. O público em geral merece ter acesso aos resultados de tal obra; ela não deve ser de domínio exclusivo dos acadêmicos.

## Apresentação



A venda fenomenal (mais de 40 milhões de exemplares) do romance de Dan Brown, intitulado *O Código Da Vinci*, despertou grande interesse público na possibilidade de que a Igreja (católica) tivesse se engajado numa conspiração para esconder o “fato” de que Jesus se casara com Maria Madalena, personagem que Brown alega estar retratada na pintura da Última Ceia feita por Da Vinci. Brown afirma que sua tese está baseada em parte dos evangelhos gnósticos, descobertos em Nag Hammadi, no Egito, em 1945. Essa alegação de uma teoria conspiratória abalou a fé não apenas de muitos católicos, mas também de protestantes desinformados. Embora o romance de mistério de Brown possa ser facilmente descartado como fantasia ficcional — como fazem as obras *Quebrando o código da Vinci*, de Darrell L. Bock, e tantas outras refutações —, faz-se necessário abordar os desafios mais sérios que Brown levantou sobre aquilo que Bart Ehrman chamou de “Escrituras Perdidas” e “Cristianismos Perdidos”.

Alguns acadêmicos afirmam que a seleção de livros do Novo Testamento foi bastante arbitrária e que o surgimento do Cristianismo ortodoxo ou “tradicional” foi baseado não apenas em seu mérito, mas na política do lado vencedor. Agora que temos evangelhos adicionais, os quais revelam como nunca antes as crenças dos próprios gnósticos, estamos em

melhor posição para julgar e para escolher o que valorizar e no que crer em relação ao Cristianismo primitivo.

Esta nova forma de olhar para os fundamentos do Cristianismo tem sido popularizada por acadêmicos articulados e prolíficos como Elaine Pagels, da Universidade Princeton, Karen King, da Universidade de Harvard, e Bart Ehrman, da Universidade da Carolina do Norte, em livros de fácil leitura e em especiais de televisão sobre Maria Madalena, o Código da Vinci e muito mais.

Embora os evangélicos estejam bastante familiarizados com o Novo Testamento, em sua maior parte, eles não estão familiarizados com os livros apócrifos que não foram incluídos no cânon ou com o desenvolvimento da história da Igreja Primitiva, em particular com a importante heresia do gnosticismo.

O estudo de Darrell L. Bock aborda todas essas questões de maneira bastante compreensível e lúcida, exibindo a evidência textual básica que, com frequência, é citada de maneira seletiva. Ele avalia criteriosamente não apenas as novas visões, mas de modo proveitoso o contraste entre elas e as visões “tradicionais” básicas que foram desenvolvidas fora do Novo Testamento por sucessivas gerações dos Pais da Igreja. Desse modo, os leitores poderão julgar por si mesmos a validade das novas afirmações que favorecem a visão gnóstica e outras que foram rejeitadas pela Igreja Primitiva por serem heréticas, mas que, recentemente, viraram moda em nossa geração.

*Dr. Edwin M. Yamauchi*

Professor de História

Miami University

Oxford, Ohio

## INTRODUÇÃO



### AS NOVAS DESCOBERTAS INDICAM QUE O CRISTIANISMO PRECISA DE UMA REFORMA?

*Novas descobertas em Nag Hammadi*

ESTE LIVRO TRATA DA DESCOBERTA DE NOVOS DOCUMENTOS, da agitação, da escrita da história para uma audiência popular e de uma fé antiga. O ano de 2005 marcou os 60 anos de uma das maiores descobertas de nossa época: uma biblioteca de textos antigos encontrados em Nag Hammadi, no Egito. A descoberta provocou o surgimento de um grande número de obras populares sobre essa biblioteca de 52 textos em língua copta, clamando por uma mudança de mentalidade com relação a Jesus e ao Cristianismo, já que entre os documentos estavam vários “novos” evangelhos e textos com diálogos envolvendo Jesus. Usando títulos cativantes com palavras como *cristianismos alternativos* ou *perdidos* ou também *evangelhos gnósticos perdidos*, *secretos*, ou *ocultos*, essas obras modernas defendem uma reforma do Cristianismo.

A argumentação que trazem pode resumir-se da seguinte forma:

Esses documentos e outros semelhantes a eles mostram que todos nós, de historiadores e teólogos a cristãos, na ver-

dade não entendemos corretamente a fé que mudou vidas e inspirou séculos de arte e arquitetura e, sim, até mesmo guerras. Os documentos representam uma exposição das origens de nossa fé e revelam a diversidade das visões cristãs primitivas. Eles abrem a possibilidade de novas perspectivas e novas maneiras de pensar a religião que sopram vida numa fé antiga que sofre de um tipo de artrite religiosa. A beleza disso tudo é que essas novas perspectivas são, na verdade, as visões de outros antigos cujas perspectivas estavam sepultadas na areia havia séculos.

Tais são as alegações que vamos examinar.

### **A AGITAÇÃO NA LITERATURA RELIGIOSA POPULAR QUE CLAMA POR UMA REFORMA DO CRISTIANISMO**

Essas obras envolvem professores de universidades renomadas, trazendo a público aquilo que acadêmicos e arqueólogos afirmam saber há muito tempo. Não mais reservadas a turmas de umas poucas dezenas de estudantes de religiões antigas, essas novas verdades e as declarações associadas a elas estão agora sendo distribuídas de maneira bem-sucedida às massas. A afirmação desses autores é que o que trazem pode libertar você de uma fé antiga, enfadonha, restritiva e estreita. Eles afirmam que você pode ver o mundo de uma maneira totalmente nova. As descobertas podem ser atraentes, até mesmo divertidas. Assim, perguntam eles, por que não aprender alguma coisa nova e fazer parte do novo mundo da religião?

Como tem sido essa agitação e de que maneira ela tem sido recebida? Em 1979, Elaine Pagels, da Universidade Princeton, publicou o livro *Os evangelhos gnósticos*. Sua obra ganhou o National Book Award e o National Book Critics Circle Award. Na contracapa da edição americana do livro, pretende-se:

... iluminar o mundo dos cristãos do primeiro século e examinar as diferentes maneiras como tanto os gnósticos quanto os ortodoxos construíram Deus, Cristo e a Igreja. Jesus realmente ressuscitou dos mortos? Havia apenas um Deus e ele poderia ser tanto Pai quanto Mãe? Qual versão do Cristianismo chegou até nós e por que ela prevaleceu? Brillhante, provocativo e impressionante em suas implicações, *Os evangelhos gnósticos* é uma reconsideração radical mas acessível das origens da fé cristã.

Em 2003, Bart Ehrman, da Universidade da Carolina do Norte, publicou a obra *Lost Christianities: The battles for Scripture and the Faiths we never knew* [Cristianismos perdidos: a batalha pelas Escrituras e pela fé que nunca conhecemos], pela Oxford University Press. O resumo do livro na parte interna da capa diz o seguinte:

A Igreja cristã primitiva era um caos de crenças conflitantes. Alguns grupos de cristãos declaravam que não havia apenas um único Deus, mas dois, doze ou até mesmo trinta. Alguns acreditavam que o mundo não fora criado por Deus, mas por uma deidade inferior e ignorante. Certas seitas sustentavam que Jesus era humano mas não divino, enquanto que outros diziam que ele era divino mas não humano. Em *Lost Christianities* Bart D. Ehrman apresenta um fascinante olhar sobre essas formas primitivas de Cristianismo e mostra de que maneira eles foram suprimidos, reformados ou esquecidos... O trabalho arqueológico moderno descobriu uma grande quantidade de textos-chave e, como mostra Ehrman, essas descobertas espetaculares revelam uma diversidade religiosa que fala muito sobre as maneiras pelas quais a história é escrita pelos vencedores.

No mesmo ano, Pagels lançou uma obra que prosseguiu nesse tópico, intitulada *Beyond Belief: The Secret Gospel of Thomas* [publicado no Brasil como *Além de toda crença: o evangelho des-*

*conhecido de Tomé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004]. Esse novo *best-seller* da lista do *The New York Times* destaca o valor daquilo que outros têm chamado de “o quinto evangelho”, uma obra do século II cujas origens são obscuras, mas que afirma refletir 114 dizeres de Jesus. Esse evangelho foi o texto que mais recebeu atenção desde Nag Hammadi. Na parte interior da capa da edição original de *Beyond Belief* existe uma importante afirmação sobre a origem do Cristianismo ortodoxo. A ortodoxia é chamada de “emergente” em seus primeiros anos porque não estava claro que ela era a fé cristã. Desse modo, *Beyond Belief* defende que essa fé “emergente” saiu-se melhor que seus oponentes: “para estabilizar a emergente Igreja cristã em tempos de devastadora perseguição, os Pais da Igreja construíram o cânon, o credo e a hierarquia e, nesse processo, suprimiram muitos de seus recursos espirituais”. Desse modo, o Cristianismo ortodoxo seria na verdade o produto de Irineu, um pai da Igreja posterior, do século II, e daqueles que o seguiam.

Em 2005, Marvin Meyer, professor de Bíblia e estudos cristãos na Universidade Chapman, da Califórnia, publicou a obra *The Gnostic Gospels of Jesus: The definitive collection of mystical gospels and secret books about Jesus of Nazareth* [A coleção definitiva de evangelhos místicos e livros secretos sobre Jesus de Nazaré]. No catálogo de janeiro/abril de 2005, podia-se ler o seguinte: “Esses textos, especialmente quando reunidos, apresentam uma imagem de Jesus como o derradeiro professor de sabedoria, um tipo misterioso de mestre zen judaico que escandalizou os ouvintes com seu igualitarismo radical, considerando mulheres, escravos, pobres e marginalizados como pessoas com situação idêntica, assim como por sua insistência em verdadeiramente viver a mensagem”. Meyer é apresentado como “o especialista que a própria Dra. Elaine Pagels considera como o mestre dos textos originais”. A nova visão de Jesus é a de um mestre cuja sabedoria não apenas ultrapassa

os limites de continentes e religiões, mas que também inclui uma ampla agenda social; Jesus pode ser nosso guia, mas ele não é o nosso Deus.

O burburinho em relação a Nag Hammadi não está restrito aos acadêmicos. Podemos ler artigos sobre o assunto em revistas como *Time* e *Newsweek*. Dificilmente a época da Páscoa ou do Natal passa sem que surjam artigos assim e, dentro de muitas dessas peças, “nenhuma palavra de reprovação” a essas novas idéias é sequer levantada. Eu sei. Fui entrevistado, assim como muitos outros colegas também discordantes, para a montagem de uma dessas reportagens de dezembro. De tudo o que dissemos, nenhum ponto dissidente apareceu no artigo. O equilíbrio no jornalismo também perdeu seu espaço na nova onda. Essas tantas obras novas não são acidentes. Existe um esforço orquestrado para mudar nossa história e a maneira como olhamos para nossas raízes religiosas e culturais.

Obras de ficção trabalham com essas idéias. A já famosa obra de Dan Brown, *O Código Da Vinci*, aludiu a tais teorias ao montar o esqueleto “histórico” de seu romance. Brown afirmou em entrevistas que esse esqueleto refletia a nova visão dos acadêmicos sobre a história. Ele argumentou que as raízes históricas de seu romance precisavam de uma discussão pública. Brown estava certo. É preciso olhar mais de perto para suas teorias.

### **ESTE LIVRO: UM NOVO OLHAR SOBRE A AGITAÇÃO**

Existe um esforço arquitetado para persuadir todas as camadas de nossa cultura de que está presente um novo vinho (uma nova verdade histórica) que exige novas vasilhas (uma nova visão) para o Cristianismo e a cultura influenciada por ele. Algumas questões, porém, deveriam acompanhar essa

retórica. Seria essa agitação o fino revestimento de uma glamorosa blitz da mídia que colou em nossa cultura o rótulo de vanguardista (Henry 1992)? Essas afirmações pegaram não por causa de seu retrato da história ser penetrante e fundamentalmente preciso, mas porque elas foram bem-sucedidas, ainda que de maneira anacrônica, em ter tocado o espírito da cultura do nosso século XXI? Existe verdade nessas declarações ou até mesmo *alguma* verdade dentro delas? Nosso objetivo é responder a tais perguntas examinando a abrangência do ensinamento presente nesses textos recentemente reunidos, em vez de só privilegiar os elementos que se encaixam perfeitamente com nossa cultura. Além disso, trabalharemos com o debate que esses textos têm engendrado para perceber se existe realmente a necessidade de uma reforma histórica do Cristianismo primitivo.

Em resumo, esta é uma avaliação ampla dos textos-chave que ajudaram ou poderiam ajudar a definir aquilo que o Cristianismo foi e é. Meu papel será o de um guia turístico: fornecer contexto suficiente para ajudá-lo a compreender as obras.

## ○ ESBOÇO DO LIVRO

Para preparar o terreno de nossa avaliação, vamos analisar a discussão atual. Nos capítulos sobre o período moderno, precisamos considerar de onde veio essa “nova” perspectiva e o que a provocou. Na revisão histórica (capítulos 2-5), citarei acadêmicos e resumirei suas obras. A maioria não é conhecida, mas são eles que têm conduzido o debate. Como seu guia turístico, destacarei os argumentos de cada um dos lados e farei comentários, avaliando o encaminhamento das discussões.

Muitos nomes estranhos aparecem nas principais evidências antigas: gnósticos, judaizantes, docetistas, valentinianos

e marcionistas. Também existem personagens-chave: Jesus, Paulo, Pedro, João, Clemente de Roma, Justino Mártir, Marciano, Valentino, Inácio, Policarpo, Irineu, Tertuliano e Hipólito. Você vai precisar de um caderno de notas para acompanhar cada um deles. Sendo assim, começo com um esboço cronológico para mostrar onde essas obras se encaixam.

Também precisarei discutir o método histórico, os debates modernos sobre essa história e os estudos, idéias e argumentos que alimentam essa discussão. Deixarei algumas indicações do caminho nas notas bibliográficas, de modo que você possa ir mais além e ler as discussões detalhadas por si só, fazendo suas próprias avaliações. Darei especial atenção ao movimento freqüentemente chamado de gnosticismo porque, como destacou o acadêmico clássico A. D. Nock, ele é “hoje a questão central no estudo do Cristianismo primitivo” (Stewart 1972, 2.940). Essa centralidade presente nos primeiros séculos ficará clara nos nossos primeiros capítulos. Depois de mapear os territórios antigos e modernos, olharemos para passagens específicas para avaliar o que elas realmente ensinaram em certas áreas de grande importância, dando condições para que você possa fazer sua própria visita a esses textos.

Este estudo se concentra no período anterior a Irineu, aquele controverso pai da Igreja do final do segundo século. A nova escola afirma que Irineu “venceu” e foi o principal arquiteto da ortodoxia. A afirmação é que essa ortodoxia (ou a declaração de um Cristianismo definido e legítimo) surgiu de maneira ainda mais clara nos séculos III e IV. Desse modo, a nova escola argumenta que o Cristianismo que conhecemos tem raízes que não vão realmente até o tempo de Jesus ou mesmo até os apóstolos de uma maneira que impeça a existência de visões alternativas do Cristianismo.

Não há dúvidas de que Irineu é uma figura fundamental para a Igreja, mas é possível delinear a aparência do Cristianismo,

incluindo o Cristianismo ortodoxo, antes dele. Por todo este livro, todas as passagens que examinaremos do lado “ortodoxo” são anteriores a Irineu e sua suposta organização de temas para a visão ortodoxa. Ao olharmos esses textos, podemos testar as afirmações de ambos os lados. A ortodoxia é alguma coisa que surgiu a partir do período primitivo (a visão tradicional)? Ou simplesmente havia cristianismos alternativos que competiam sem que houvesse nenhuma ortodoxia real presente naquele período inicial (a visão alternativa ou da nova escola)?

Os textos dos evangelhos perdidos e outros tipos de obras intimamente relacionadas a eles recebem especial atenção. Dessa lista constam os seguintes evangelhos: *de Tomé, de Filipe, do Salvador, da Verdade e de Maria Madalena*. Também se incluem outras obras significativas ligadas às tradições alternativas: *Apócrifo de João, Diálogo do Salvador e Apócrifo de Tiago*.

Para propósitos de comparação, os seguintes tópicos são examinados: (1) Deus e a criação, (2) a pessoa de Jesus como humano e divino, (3) a salvação do homem (espírito, alma e/ou corpo) e (4) a questão da vida e da morte de Jesus. Em cada um desses casos, o conteúdo dos evangelhos perdidos que trata desses temas é apresentado juntamente com os mais conhecidos textos do Cristianismo. Verificaremos se existem linhas de conexão para ver quais visões estão interligadas aos textos ou às tradições mais antigos.

Vamos examinar o debate. Onde esses textos se encaixam na história da Igreja Primitiva? Este é o capítulo 1. Os capítulos 2 a 5 abordam o debate moderno. Depois analisaremos os textos e os tópicos nos capítulos 6 a 13, o cerne do livro. Leia e descubra do que tratam os evangelhos perdidos — e todo o burburinho em torno dos cristianismos alternativos.

# CAPÍTULO 1



## **TOMANDO NOTA: OS PERÍODOS E OS PERSONAGENS DO CRISTIANISMO PRIMITIVO**

ESTE CAPÍTULO PRESUME QUE VOCÊ TEM POUCO OU NENHUM conhecimento do Cristianismo primitivo, especialmente em relação aos séculos II e III. Apresento aqui os três períodos do Cristianismo primitivo, destacando as origens judaicas das quais surge o Cristianismo: o período apostólico, o período dos pais apostólicos e o surgimento dos textos alternativos, e o período dos apologistas e mais alternativas.

### **O CRISTIANISMO E A PROMESSA DO DEUS DE ISRAEL**

O Cristianismo primitivo teve seu início como um movimento judaico que apelava para a promessa de Deus nas Escrituras de Israel. No início, havia Jesus e os apóstolos, afirmando que Jesus Cristo cumprira a promessa de Deus.

Todos os textos que temos, de obras que vão do século I até as obras dos apologistas, mostram uma preocupação intensa, seja positiva ou negativa, com questões levantadas pelas Escri-

turas dos judeus (Mitros 1968, 448-50). Os apologistas eram defensores do Cristianismo contra a religião greco-romana, o Judaísmo e os movimentos ameaçadores que também citavam o nome de Cristo. A obra deles surgiu em meados do século II e continuou a discutir de que maneira Jesus havia cumprido a promessa judaica original.

Os acadêmicos discutem quando a promessa foi pronunciada pela primeira vez. Seria ela encontrada em Gênesis 3.15, quando Deus disse que a semente do homem esmagaria a cabeça da serpente? Ou será em Gênesis 12.1-3, na promessa divina de que a semente de Abraão seria fonte de bênção para todo o mundo? Estaria ela em textos como Isaías 9, onde é descrita uma figura messiânica e libertadora? Estaria em Daniel 7.13-14, onde o Filho do homem cavalga as nuvens com autoridade divina? Ou estaria numa composição de todos esses textos? Havia no Judaísmo do século I uma expectativa unificada ou havia uma promessa descrita de diversas maneiras com diversas formas de expectativa?

Para nós, o fator-chave é que, no primeiro século, a maioria dos judeus tinha algum tipo de esperança de que, um dia, Deus enviaria um libertador para o seu povo e para o mundo, muito embora esses judeus vissem o cumprimento dessa promessa em diferentes detalhes ou destacados em textos diferentes. O fato de muitos aspectos da fé de Israel no século I serem dominados por tal promessa é uma das poucas coisas sobre as quais todo acadêmico concorda. Essa raiz na esperança escriturística é a semente da fé cristã. Um dia Deus enviaria um libertador, de acordo com a promessa das Escrituras hebraicas.

A maior parte do Cristianismo do primeiro século afirma que Jesus era e é o cumprimento dessa promessa. Essa raiz na Escritura de Israel — sua promessa e sua descrição de Deus — é parte daquilo que se tornou uma fonte de contenda quando Marciano, no século II, rejeitou o Deus de Israel como sendo o

Deus que os cristãos adoravam. Também se tornou um ponto de discussão quando outros que chamavam a si mesmos de cristãos — mas que muitos acadêmicos de hoje chamam de gnósticos — sugeriram que o Deus que criou a Terra e o verdadeiro Deus transcendente não eram a mesma personagem. Mas estamos colocando o carro adiante dos bois.

Como veremos no capítulo 4, hoje em dia alguns argumentam que as raízes do Cristianismo não são encontradas nessa promessa de libertação porque Jesus tratava simplesmente de sabedoria e apontava para um modo de vida que agradava a Deus. Foi a Igreja posterior — e não Jesus, dizem alguns — que transformou esse mestre de sabedoria numa figura de adoração, promessa e divindade. Já é suficientemente estranho notar, de muitas maneiras, que o debate moderno sobre o Cristianismo se concentre na teologia judaica — as promessas de Deus, o retrato que Israel fazia de Deus — e o quanto essa teologia está ligada ao Cristianismo primitivo. Vamos manter os olhos nessa ligação, uma vez que ela é uma parte central do nosso quebra-cabeças.

## **OS PERÍODOS DO CRISTIANISMO PRIMITIVO: COLOCANDO NO CONTEXTO OS EVANGELHOS RECÉM-DESCOBERTOS**

Esses períodos são padrão na história da Igreja Primitiva, mas a nova escola afirma que essas categorias obscurecem a verdadeira diversidade das formas primitivas do Cristianismo. A afirmação é que, se você faz as regras e define as categorias da maneira como você mesmo quiser, então você vai ganhar o jogo antes que ele se inicie. E, como as raízes do Cristianismo são o ponto em debate, deve-se notar que as descrições apresentadas aqui *não são* afirmações de que essas divisões refletem o quadro completo do que estava acontecendo nos dois

primeiros séculos do Cristianismo. Estas descrições podem obscurecer a diversidade daquilo que havia nos primeiros séculos do Cristianismo. As divisões usadas aqui simplesmente fornecem uma estrutura temporal para localizar aqueles personagens e movimentos menos conhecidos da história primitiva do Cristianismo, mostrando onde e quando as pessoas se encaixam em nossa viagem histórica.

### *Período 1: Jesus e o período apostólico*

O primeiro período cobre basicamente os últimos 70 anos do século I. De maneira geral, reconhece-se que Jesus ministrou do final dos anos 20 até o começo dos anos 30 do século I. Aqueles que estavam mais perto dele, os apóstolos, ministraram durante todo o primeiro século. Esse período é chamado de era apostólica. Embora os acadêmicos discutam as datas exatas da composição dos quatro evangelhos e desses evangelhos recém-descobertos, existe uma ampla aceitação de que os evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João se encaixam nesse período, sendo que João, escrito nos anos 90, foi o último dos quatro.

Temos poucas provas explícitas da existência de grupos alternativos nesse período inicial. Carecemos de materiais diretamente ligados a esses grupos, com a possível exceção do *Evangelho de Tomé*, mas temos traços de oposição e discordância dos materiais tradicionais do primeiro século. Para reconstruir essas discordâncias, vamos tecer alguns breves comentários sobre esses textos tradicionais.

Um suposto líder de movimento alternativo desse período é Simão, o Mago. Os Pais da Igreja que mencionarei rapidamente tendem a lançar sobre ele toda a culpa pelos movimentos que eles contestam. Simão é destacado em Atos 8, onde é descrito como um mágico. O livro de Atos não traz qualquer comentário sobre o fato de ele fundar um movimento herético.

A fonte dessa afirmação é desconhecida, e a credibilidade da declaração de que a heresia se iniciou com Simão é muito problemática (Yamauchi 1983, 60). O detalhado estudo de Beyschlag (1974, 218) coloca o surgimento dessa tradição sobre Simão como o pai da heresia na primeira metade do século II.

Outro conjunto de oponentes surge em 1 Timóteo 1.20. Nessa passagem, Himeneu e Alexandre “arruinaram” sua fé. Em 1 Timóteo 1.3-7 eles são incluídos numa discussão de pessoas ensinando uma doutrina diferente que incluía mitos e genealogias infundáveis, promovendo especulação em vez de fé. A passagem de 1 Timóteo 4.1-3 adverte contra aqueles que, nos últimos dias, criticarão o casamento. Alguns movimentos gnósticos posteriores realmente condenaram o casamento, mas movimentos tradicionais fizeram o mesmo, refletindo uma preocupação de alguns com os interesses espirituais sobre a sexualidade. Em 2 Timóteo 2.17-18 Himeneu é mencionado mais uma vez, juntamente com Fileto, ensinando que a decisiva ressurreição dos cristãos já havia ocorrido. O conteúdo do que essas epístolas descrevem como uma doutrina diferente é considerado por muitos como potencialmente similar ao que surge em detalhes ainda maiores em algumas das recém-descobertas obras que têm sido chamadas de gnósticas. Isso é tudo o que podemos dizer do material primitivo, o que não é muito (Hengel 1997, 190-92); em outras palavras, esses comentários não evidenciam a presença do gnosticismo, mas a presença de elementos que, mais tarde, apareceram no gnosticismo. Na melhor das hipóteses, eles refletem o que tem sido chamado de *gnosticismo incipiente*.

O que realmente aparece em nossas fontes mais antigas são idéias que os autores das epístolas atacaram em vez de citar. O texto de 1 Coríntios 15, por exemplo (escrito em meados da década de 50), indica que alguns negavam a ressurreição

dos mortos para o corpo. Os acadêmicos debatem se as visões às quais Paulo se opôs eram um reflexo de algum tipo de negação gnóstica da ressurreição da carne ou simplesmente um reflexo da crença geral greco-romana que negava uma vida física depois da morte. A carta de 1 João (escrita no início da década de 90) mostra que alguns não criam que Jesus viera em carne. As pessoas que faziam uma divisão entre um Cristo enviado e um Jesus físico eram chamados de *docetistas* porque acreditavam que Jesus apenas “parecia” estar em carne.

Passagens como essas nos ensinam que havia diversidade na crença primitiva. Entre as questões que elas levantam podemos citar as seguintes: de que maneira essa diversidade era percebida? A diversidade refletia ortodoxias concorrentes, simples alternativas ou a citação da presença de uma visão herética? E com base em que esse julgamento era feito? Eram pontos de vista que competiam politicamente, sendo que um deles ganhou? Ou havia apelos a ensinamentos que podiam afirmar de maneira crível que tinham associação com Jesus ou os apóstolos? Essas questões vão conduzir a nossa viagem.

*Onde se encaixam os evangelhos recém-descobertos.* A datação é uma questão-chave com relação aos evangelhos recém-descobertos. A maioria dos evangelhos encontrados nos últimos tempos são datados como sendo dos séculos II ou III (veja as datas sugeridas nas seguintes obras: Rebell 1992; Ehrman 2003; Klauck 2003; Lapham 2003; White 2004). Alguns, porém, como o *Evangelho de Tomé*, são às vezes datados como de um período anterior, do período apostólico ou com raízes que podem apontar para aquele período. É por isso que alguns têm defendido a importância desse evangelho. White (2004, 304), por exemplo, argumenta que as camadas mais iniciais de *Tomé* datam de 60 a 70, com raízes em algum material que aponta para Jesus, enquanto

as camadas posteriores são do final do século I ou do começo do século II. Ehrman (2003, xii) o coloca no início do século II, mas com partes que podem remontar a Jesus. Por outro lado, Klauck (2003, 108) data a obra fora desse período, entre 120 e 140. Snodgrass (1989-90) defende que existem fortes evidências de que *Tomé* baseou-se em Lucas e na tradição sinóptica, pois vários dizeres de *Tomé* apelam para palavras de uso raro e as mesmas tendências editoriais empregadas nessas outras obras (dizeres 10, 16, 31, 33, 39, 47, 53, 65-66, 72, 76b, 79, 104). Perrin (2002) vê uma associação entre *Tomé* e *Diatessaron*, de Taciano, datado por volta de 170 d.C., o que sugere que o evangelho tem raízes numa tradição posterior, não na anterior. Hedrick (1989-90) demonstrou que é provável que algum material de *Tomé* venha de outras fontes que não os evangelhos sinópticos, o que gera a necessidade de avaliar cada um dos dizeres por vez. Em resumo, é possível que uma porção do material de *Tomé* reflita a tradição circulante entre as igrejas que poderiam pertencer a esse período mais antigo, mas isso deve ser examinado tomando-se cada um dos dizeres separadamente (Klauck 2003, 108). Todavia, é mais provável que o evangelho em si seja mais posterior do que anterior.

Os dizeres paralelos a Mateus, Marcos e Lucas ajudam-nos a ver a data posterior de *Tomé*. Klauck (2003, 108) destaca que cerca de cinquenta por cento de *Tomé* não tem ligação com nada expresso no Novo Testamento. Em sua visão, a outra metade está dividida entre textos que relembram coisas em Mateus, Marcos e Lucas e dizeres independentes que se dizem revelatórios e têm um “caráter mais fortemente gnóstico” (Klauck 2003, 108). O debate sobre *Tomé* envolve a questão de quanto e qual material remonta a Jesus e quanto dele é um reflexo de preocupações gnósticas posteriores. A maior parte de *Tomé* não remonta a Jesus, mas algumas partes poderiam fazê-lo.

O debate tem ainda outras poucas questões. Por isso, cobriremos a era do gnosticismo no capítulo 3. *Tomé* e a tradição de Jesus recebem atenção no capítulo 4. Antes de continuar tratando desses tópicos precisamos abordar outra questão: o método histórico e o julgamento, ambos considerados no capítulo 4.

Uma revisão do material recém-descoberto, incluindo os evangelhos perdidos, indica que a maior parte dele vem dos séculos II e III. A maioria dos acadêmicos concorda com isso. Três corolários ligados a esse fato são bastante importantes:

1. Muitas dessas obras refletem o período no qual foram escritas e não possuem elos coerentes com o período para o qual aponta seu título. As questões que essas obras discutem aparecem posteriormente na história da Igreja, e não no período mais inicial. Essa é uma das razões pelas quais podemos considerar que essas obras são posteriores em vez de pertencerem ao período inicial. O *Evangelho de Pedro*, por exemplo, não é de Pedro nem fornece ensinamento preservado por aqueles que estavam familiarizados com seus ensinamentos; é simplesmente um nome dado para conceder autoridade a uma obra escrita muito depois. Praticamente todos os acadêmicos concordam com essa visão desse evangelho. Essa situação se coloca em contraste com Marcos ou com Lucas, na questão de que nenhum dos autores desses evangelhos foi apóstolo, mas muitos aceitam que Marcos e Lucas tiveram acesso aos apóstolos e tinham ciência do que eles ensinaram. Em relação a Marcos, o ponto de contato foi Pedro (Taylor, 1996, 1-8, 26), enquanto Lucas provavelmente teve contato com vários dos apóstolos e viajou com Paulo (Fitzmyer 1981, 40). Raízes de porções de outros evangelhos, tal como *Tomé*, são mais debatidas e difíceis de avaliar. Ainda persiste a questão se *Tomé* possui raízes primitivas.

Obras recém-descobertas mas posteriores ainda assim são valiosas para nós como documentos históricos. Elas descrevem aquilo em que acreditavam algumas pessoas que se associaram ao Cristianismo na época em que esses documentos circulavam, muito embora esses textos tenham pouco valor para o esclarecimento do Cristianismo primitivo. Nag Hammadi é um importante achado mesmo se contiver documentos cuja data de composição seja posterior ao século I. Aprendemos o que estava acontecendo naquele período posterior a partir do relato das pessoas que tiveram essas visões alternativas. Havia diversidade de visões entre os grupos que se associaram ao Cristianismo no período apostólico, conforme demonstram as discussões já destacadas em 1 e 2 Timóteo. O debate é sobre o que eram aquelas visões, o quão disseminadas elas estavam e se essas alternativas eram consideradas ortodoxas ou não.

2. Possuímos apenas uma porção dos escritos que existiam no século I. A natureza de todos os registros históricos é que a coleção sobrevivente é parcial e isso é especialmente verdadeiro em relação à história antiga. O problema é o que fazer com essa falta de provas. Esse vácuo cria espaço para o debate e contribui para a existência de várias visões modernas sobre a questão.

3. Isso leva à sutileza de um terceiro corolário às vezes proposto como prova para a natureza posterior desses materiais nos registros manuscritos existentes: as afirmações de que esses textos foram suprimidos e/ou destruídos. Não temos esses textos porque o outro lado os tirou de cena há muito tempo, de modo que as provas que temos não refletem o que realmente acontecia. Agora sabemos que tal supressão e destruição aconteceu no século III e depois dele. Também sabemos que isso aconteceu com todo tipo de textos cristãos durante a perseguição aos crentes nos primeiros séculos. Todavia, essa posição é realmente um argumento do silêncio. A afirmação

é que, se tivéssemos um registro plenamente documentado, certamente os materiais primitivos e outros como esses evangelhos alternativos também existiriam. Não há como avaliar tal declaração hipotética. Os oponentes desse cenário sustentam que é notável que qualquer coisa semelhante a *Tomé* tenha sobrevivido, enquanto eles também reconhecem que é improvável que essa obra venha do apóstolo Tomé.

Mas o que dizer de algumas outras opções? Será que não temos esse material porque eles foram simplesmente perdidos — como acontece com a maioria das obras antigas — em vez de suprimidos? Ou será que não temos um registro primitivo claro de tais movimentos porque eles simplesmente não existiram? O problema é que qualquer um desses três cenários (perda por supressão, perda simples ou ausência pela não existência desses movimentos) pode explicar a evidência que temos. A presença de várias opções potencialmente plausíveis também leva ao debate. Uma abordagem dessas questões em torno dos evangelhos perdidos é necessária antes de olharmos para os evangelhos em si, para que possamos entender onde eles se encaixam e por que existe tanta controvérsia em relação a eles.

### *Período 2: Os pais apostólicos e o surgimento de obras alternativas*

Este período abrange algumas gerações depois dos apóstolos. Os pais apostólicos foram homens que tiveram contato com os apóstolos ou se colocam no período imediatamente posterior a eles. Falando de maneira geral, suas obras pertencem à primeira metade do século II (Holmes 1999). Entre eles, temos a Carta de Clemente de Roma, conhecida como *1 Clemente*, escrita no final do século I; *2 Clemente* (um sermão, escrito não pelo mesmo Clemente, mas por um pregador des-

conhecido); as sete cartas de Inácio, bispo de Antioquia, na Síria (*Efésios, Magnésios, Tralianos, Romanos, Filadelfienses, Esmirnianos e A Policarpo*); uma carta de Policarpo, bispo de Esmirna, na Ásia Menor, aos Filipenses; o *Martírio de Policarpo*; um tratado ético conhecido como *Didaquê*; a carta de *Barnabé* (não o apóstolo do Novo Testamento; também chamado *Pseudo Barnabé*); o *Pastor de Hermas*, uma coleção de parábolas de visões; a *Epístola de Diógenes*; e *Fragments de Papias*, em sua maior parte preservado até nós por Eusébio, historiador da Igreja do século IV. Daremos cuidadosa atenção a essas obras porque elas nos dizem em que acreditavam muitos cristãos no início do século II.

Juntamente com o material dos pais apostólicos surgem outras obras neste período. Muitas refletem visões alternativas. Em sua datação mais tardia, *Tomé* pertence ao período que vai do início a meados do século II. Entre as mais difundidas formas alternativas de Cristianismo pertencentes às evidências textuais explícitas desse período está aquilo que os acadêmicos modernos chamam de gnosticismo, que assumiu uma variedade de formas, como veremos no capítulo 3. Ao gnosticismo estão ligados nomes como Carpócrates (aparece em cerca de 120), Saturnino (cerca de 120), Basíledes (cerca de 120) e Valentino (cerca de 140). Também havia alternativas como o movimento fundado por Marcião (cerca de 140), que morreu em 160. Seu movimento foi diferente daqueles vistos como gnósticos. Temos como chaves desse período as obras *Evangelho de Pedro, Evangelho dos Hebreus, Evangelho dos Ebionitas, Evangelho dos Egípcios, Evangelho dos Nazarenos, Evangelho da infância do Senhor Jesus*, escrito por Tomé e *Papyrus Egerton 2* (Ehrman 2003, xi-xii). Os capítulos 6 a 13 nos darão uma visão mais detalhada em relação aos ensinamentos dessas fontes e onde elas se encaixam.

### *Período 3: Os apologistas e demais alternativas*

Este período se estende além do quadro temporal de nossa viagem, iniciando-se em meados do século II e abrangendo o período da formação dos credos da Igreja, como o de Nicéia em 325, e mais além. Este período tem sido analisado de maneira adequada há muito tempo em obras como o estudo clássico de Hilgenfeld sobre a história da heresia no Cristianismo primitivo. Hilgenfeld traça a evidência que temos dos Pais da Igreja, especialmente de Justino o Mártir, Irineu e Hipólito com seus contemporâneos, Tertuliano e Clemente de Alexandria (Hilgenfeld 1884). Paramos com a menção de Epifânio no século IV porque ele escreveu uma obra enciclopédica sobre a heresia, conhecida como “*Caixa de Remédios*” (*Panarion*). Contudo, uma figura-chave é anterior a Irineu e se coloca no limite entre os períodos II e III. Ele é Justino o Mártir, o primeiro autor da Igreja Primitiva a assumir explicitamente uma ampla defesa da fé. Nós o colocamos aqui porque sua obra surgiu nesse período. Justino escreveu o que é chamado de sua *1.ª Apologia* em cerca de 155, uma das duas apologias (ou defesas da fé) de sua autoria, e também debateu o Judaísmo na obra *Contra Trifo*.

Uma obra de defesa da fé escrita em grego é chamada de *apologia*, de autoria de um *apologista*. Isso explica parte do nome desse agrupamento. Os apologistas defendiam a superioridade do Cristianismo com relação ao paganismo, ao Judaísmo ou à filosofia grega, também desafiando as declarações de alguns que se associavam ao Cristianismo dizendo-se cristãos genuínos ou ortodoxos. A nova escola freqüentemente chama esse grupo de autores de *heresiólogos* porque eles procuravam identificar e refutar heresias.

A presença de alternativas surgindo claramente já no período dos pais apostólicos preocupava os apologistas. Contudo, existiram outros movimentos durante esse período:

o ebionismo (um movimento judaico-cristão), o encratismo (movimento ascético que defendia a castidade e o celibato) e o montanismo (movimento do grupo que afirmava ter uma nova revelação).

Essa proliferação de alternativas fez com que os apologistas escrevessem avaliações detalhadas desses movimentos, mostrando que o nome *heresiólogo* reflete a força de suas obras. Esses textos desenvolveram a argumentação completa que formou aquilo que se tornou o detalhamento da fé ortodoxa. Outros apologistas famosos se seguiram a Justino o Mártir. Entre os mais destacados, temos Irineu (que escreveu na segunda metade do século II) e Tertuliano (final do século II e início do século III), seguidos em importância pelo grupo de Clemente de Alexandria (último terço do século II), Orígenes (início do século III) e Hipólito (final do século II e início do século III). Entre os apologistas posteriores mais significativos destacam-se Eusébio (séculos III e IV) e Epifânio (século IV). A questão aqui é se a “ortodoxia” surgiu nesses textos posteriores ou se já estava presente antes em forma de raiz. Teria sido Irineu e seus colegas que produziram a ortodoxia, como afirma a nova escola, ou foi a ortodoxia que produziu Irineu e os apologistas?

### *Resumo dos períodos*

Os personagens e os movimentos antigos encaixam-se nesses três períodos básicos. As anotações, resumidas nas tabelas apresentadas aqui, apresentam a provável localização geográfica conforme conhecemos hoje [você poderá encontrar uma tabela similar dos dois últimos períodos em Smith (2004, 124)]. A geografia ganhará importância mais à frente em nossa viagem. As anotações também trazem as datas dos apologistas. As listas de cada um desses períodos não têm uma ordem intencional.

## 30 – 100 d.C.

*Período apostólico*

Jesus (Judéia, Galiléia)	Mateus	Simão o Mago (Samaria)	Clemente de Roma
Pedro (Jerusalém, Galiléia, Antioquia, Galácia, Roma)	Marcos	Himeneu (Éfeso)	Docetistas
João (Ásia Menor, Éfeso)	Lucas	Alexandre (Éfeso)	Gnósticos?
Paulo (Antioquia, Ásia Menor, Grécia, Roma)	Hebreus	Fileto (Éfeso)	Encratitas?
Tiago (Jerusalém)	1 Pedro	Evangelho de Tomé? (i.e., data incerta)	
Q (fonte compartilhada da Igreja sobre os ensinamentos de Jesus; é provável que Mateus, Marcos e Lucas a tenham usado)	1 João	1 Clemente	

## 100 – 150 d.C.

*Período dos pais apostólicos e surgimento de obras alternativas*

Clemente de Roma (uma ponte entre os períodos)	<i>Evangelho de Tomé</i> (período de datação defendido pela maioria dos acadêmicos)	<i>Evangelho dos Egípcios</i>
<i>2 Clemente</i>	Carpócrates (Alexandria, no Egito)	<i>Evangelho dos Nazarenos</i>
Inácio (Antioquia)	Saturnino (Antioquia, na Síria)	<i>Evangelho da Infância de Tomé</i>
Policarpo (Esmirna, na Ásia Menor)	Basíledes (Alexandria, no Egito)	<i>Evangelho de Maria Madalena</i>
<i>Didaquê</i>	Marciano (Sinope, em Ponto da Ásia Menor, Roma)	<i>Papyrus Egerton 2</i>
<i>(Pseudo) Barnabé</i>	Valentino (Alexandria do Egito, Roma)	Gnósticos
<i>Pastor de Hermas</i>	<i>Evangelho de Pedro</i>	Encratitas
<i>Diogneto</i>	<i>Evangelho dos Hebreus</i>	
<i>Papias</i>	<i>Evangelho dos Ebionitas</i>	

150 – 400 d.C.

*Período dos apologistas e demais alternativas*

Justino Mártir (100-165; Samaria, Ásia Menor, Roma)	Eusébio (260-340; Cesaréia)	<i>Tratado Tripartite</i>	<i>Apócrifo de Tiago</i>	<i>Ensinos de Silvano</i>
Irineu (130-200; Lyon)	Epifânio (315-403; Palestina, Egito, Salamis)	<i>Pistis Sophia</i>	<i>Interpretação do Conhecimento</i>	Gnósticos
Hipólito (170-235; Roma)	<i>Evangelho de Filipe</i>	<i>Sophia de Jesus Cristo</i>	<i>Apocalipse de Pedro</i>	Teódoto
Tertuliano (155-220; Cartago)	<i>Evangelho de Maria Madalena</i>	<i>Evangelho da Verdade</i>	<i>Diálogo do Salvador</i>	Ebionitas
Clemente (150-215; Alexandria)	<i>Evangelho do Salvador</i>	<i>Evangelho de Bartolomeu</i>	<i>Hipóstase dos Arcontes</i>	Encratitas
Orígenes (185-254; Alexandria, Cesaréia)	<i>Carta a Reginos (= Tratado sobre a ressurreição)</i>	<i>Apócrifo de João</i>	<i>Segundo Tratado do Grande Sete</i>	Montanistas

Essa visão panorâmica mostra que algumas declarações significativas da nova escola realmente refletem a história. Entre elas vemos (1) a evidência de uma diversidade de visões que se assumiam cristãs nos primeiros séculos, (2) o fato de que nossas fontes refletem apenas parcialmente o que estava disponível no período primitivo e (3) a sugestão de que as novas descobertas têm nos ajudado a sermos mais cuidadosos sobre nossa visão da época.

Mas as principais declarações da nova escola são realmente históricas? Vários fatores antigos contribuem para o debate moderno: (1) a diferença entre a data de composição de uma obra e a idade das visões que essa obra reflete (poderia ela

incorporar a tradição mais antiga e, se for esse o caso, de onde ela vem?), (2) a importância da natureza incompleta de nossa coleção de fontes, assim como (3) a natureza do conteúdo das obras em si e o que elas ensinam, incluindo o alcance desse ensino. Mais importante: quais são as provas de existência de conexões entre o ensinamento de qualquer uma dessas obras e a era primitiva?

Antes de deixarmos essa abordagem do contexto antigo, devemos discutir as principais alternativas presentes em muitas de nossas novas fontes, a saber, o gnosticismo.

#### PERGUNTAS PARA ESTUDO

1. O que defende a nova escola?
2. Que papel Irineu desempenha de acordo com a nova escola, e por que concentrar-se em textos anteriores a Irineu para estudar essa questão histórica?
3. Que papel desempenhou a promessa de Israel no desenvolvimento do Cristianismo?
4. Quais são os três períodos da história cristã primitiva e o que permite que eles se diferenciem uns dos outros?
5. Quais afirmações da nova escola têm mérito e que fatores antigos transformam a discussão num debate?